



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Natália Correia: Mulher à Frente do Seu Tempo

Focamos, neste Natal, Natália Correia, figura incontornável da cultura açoriana e portuguesa. Nasceu em São Miguel, em 1923. Quando tinha 11 anos e o pai emigrou para o Brasil, acompanhou a mãe e a irmã até Lisboa, onde viveu, sempre uma mulher de fortes convicções e ideias avançadas para a época. Dos 69 anos que tinha quando faleceu, em 1993, há 25 anos, 51 foram vividos sob o jugo do Estado Novo.

Defensora acérrima da liberdade e dos direitos humanos, foi deputada nacional. Mulher das letras e da cultura, trabalhou a língua com enorme cuidado, e dizia que Portugal era não pátria, mas mátria: a raiz matriarcal que gera a identidade coletiva de um povo.

Em 1968, deu este nome a um livro de poesia e, nos anos 80, ao programa televisivo Mátria, onde advogava um feminismo identificador da mulher como arquétipo da liberdade e fonte matricial da humanidade.

Em 1973, logo antes do 25 de Abril, no livro A Mulher, analisa “o apagado papel que a mulher desempenha na cena social,” e explica: “A idealização da mulher, isto é, a sua redução a ser passível de estimular as potências da alma masculina, está intimamente ligada à sua queda da ordem natural do ciclo matriarcal... Como ser socialmente anulado, sem personalidade própria, a mulher só dispunha da força negativa da atração carnal... reduzida a um mecanismo fisiológico que serve a continuidade da espécie, mas não participa do seu aperfeiçoamento.”

Crítica, astuta e culta, uma açoriana à frente do seu tempo. ♦

Conquistas e Direitos: Por uma vida sem violência

Um trabalho coletivo e de parceria resultou em diferentes atividades nos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres...

UMAR AÇORES
ENTIDADES PARCEIRAS

Esta Campanha Mundial, teve início a 25 de novembro Dia Internacional da Eliminação da Violência contra as Mulheres.

Nos Açores juntamos nossas vozes e energia: ações de rua, arte e debate aconteceu ao longo dos 16 Dias de Ativismo.

A Campanha encerrou a 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, direitos que estiveram em destaque na rua com “Abraço contra a Violência” e a Tertúlia - 70 anos de Direitos Humanos.

Conscientes da necessidade de prosseguir a ação pelo fim da violência contra as mulheres, lembrando que Os Direitos das Mu-



lheres são também Direitos Humanos, aqui ficam algumas imagens dos eventos dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres. ♦

notícias de qualquer país (parte //)

(...)
ainda vamos em março
é dia oito.
caímos que nem pássaros.
as borboletas vivem doze horas, não mais.
toda a gente parece achar natural
que as nossas portas sejam mais pequenas e menos
numerosas e mais estreitinhas

que sejamos assassinadas
ao ritmo de uma por semana
neste país pequenino
também.
nascemos do outro lado da rua, do outro lado do gene,
do outro lado da história.
ninguém ouve o odor a morte
nas nossas calçadas

“não há fúria maior que a de uma mulher traída”, diz-se pelas ruas,
mas os tiros e as facas saem das mãos com ira de posse e
máscara de amor
e nos tribunais afirma-se que as adúlteras só deviam comer
pedras.

tou morna
morena
tou morta

já vi a morte vezes suficientes para olhar plácida alguém dizer
que quer morrer.
pois morra. pois morres, pois morro, tantas vezes morro que
me canso de morrer.

escreve-se a sangue, eufemismos e silêncio
a história que escorre das nossas pernas
e tantas vezes nos esmagam de encontro ao amor e à morte
que as confundimos.

JUDITE CANHA FERNANDES,
EM “A FÚRIA DA LOIÇA DA CHINA”, EDITORA URULAU, 2018

Dezembro 2018

Janela sobre o passado...

O período que antecedeu o início da I Guerra Mundial foi determinante para as questões relativas à diferença de género e à sexualidade, em grande parte, graças aos novos discursos científicos e às preocupações face ao decréscimo da natalidade, em vários países europeus. A “sociedade de massas”, associada ao crescimento urbano, determinara diferentes hábitos e comportamentos. Nas cidades cosmopolitas, as mulheres encontravam novas oportunidades de se tornarem independentes, por via de um trabalho remunerado ou ao enveredarem por atividades filantrópicas e feministas. Detentor de maior liberdade, o sexo feminino dedicava-se a novas atividades económicas, sociais e políticas. Muitas mulheres, da classe média, procuravam os grandes armazéns para irem às compras e conviveram nas pastelarias e salões de chá, frequentavam bibliotecas e gabinetes de leitura, iam ao teatro ou visita-



SUSANA
SERPA SILVA

vam galerias de arte. Mas, era igualmente nos grandes centros urbanos, que a oferta dos prazeres mundanos se acentuava e, com ela, a prostituição e a violência. Num tempo de grande progresso material e técnico, era cada vez mais acentuada a ideia de decadência e de declínio mo-

ral, no seio das sociedades urbanas que contrariavam a ordem tradicional.

Muita da opinião pública considerava as cidades como perigosas e devastadoras para as mulheres. Em 1913, o sociólogo francês Paul Le Roy (La Question de la Population) defendia que ao aumentar o número de mulheres em empregos públicos, nos campos da administração, da medicina ou do direito, estas tornavam-se cada vez mais parecidas com os homens. A ideia da masculinização da mulher afigurava-se como uma ameaça para a civilização moderna, atendendo a que punha em causa o papel de mãe e, por consequência, a própria reprodução. O



Marlene Dietrich foi uma das primeiras estrelas de cinema a causar grande polémica ao surgir com uma imagem masculina.

Fonte:
<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/>

envolvimento em várias guerras e a corrida imperialista, impeliam os governantes a procurar o aumento da população, o fortalecimento dos seus exércitos e, para isso, era fundamental manter os tradicionais papéis femininos, a estabilidade social e familiar. Daí, o debate em torno da questão de género. Contudo, a própria Guerra Mundial - desejada por muitos como um meio de regeneração - viria transformar os conceitos convencionais do desempenho feminino e masculino, assistindo-se, no pós-guerra, a uma autêntica “reconstrução de género”. Basta lembrar o que foram os Anos 20! ♦